

INVESTIGAÇÃO O agricultor Jurandir Gomes de Araújo, acusado de assassinar o cacique Chicão, no ano passado, foi detido sábado em Petrolândia

Preso suspeito de matar líder xucuru

ROBERTA SOARES

Com um ano e cinco meses de atraso, a Superintendência Regional da Polícia Federal em Pernambuco finalmente conseguiu chegar ao agricultor Jurandir Gomes de Araújo, 48 anos, apontado como o suspeito número um do assassinato do cacique da tribo Xucuru, de Pesqueira, Francisco de Assis Pereira Araújo, o 'Chicão'. Jurandir Gomes é conhecido como pistoleiro atuante no Agreste — região onde nasceu e na qual o líder indígena foi morto, em maio de 1998. Ele é acusado de ter sido contratado por R\$ 50 mil para matar o cacique Chicão com seis tiros de pistola 360.

O agricultor foi preso na tarde de sábado (9), quando chegava a um ponto de carga e descarga de hortifrutigranjeiros, no centro de Jatobá, distrito do município sertanejo de Petrolândia, distante 440 quilômetros do Recife. Depois de ficar 45 dias seguidos no Sertão, uma equipe de seis homens da Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) da PF conseguiu prendê-lo através de um mandado

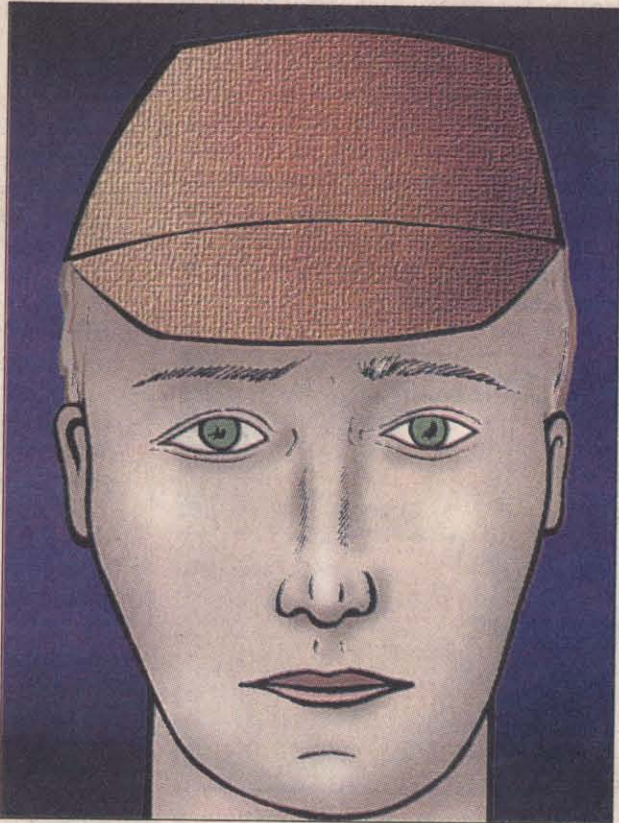
de prisão preventiva pela morte do cacique, expedido pela Justiça. Segundo a Assessoria de Imprensa da PF, o acusado já tinha outros três mandados de prisão por homicídio e lesões corporais.

Jurandir Gomes nega qualquer ligação com a morte do cacique Chicão e garante ter um bom álibi para o dia do assassinato. "Ele diz que estava numa propriedade rural e que tem várias testemunhas para comprovar a veracidade do fato. Nós estamos checando essa informação, mas acreditamos que ele é o autor dos tiros", informou o assessor de imprensa da PF, Jaime Lielson. O principal objetivo da PF agora é chegar aos mandantes do crime. "Nós já temos muitas pistas dessas ou dessa pessoa, mas por enquanto não podemos adiantar nada. Levamos mais de um ano para chegar ao provável assassino e, por isso, queremos pegar os verdadeiros mentores", afirmou. Pessoas ligadas ao cacique Chicão denunciaram que o crime foi encomendado por fazendeiros da região.

Apesar de a PF ter convicção de que Jurandir Gomes é o autor material do crime, não quis apresentá-lo à imprensa até que seja feito um auto de reconheci-

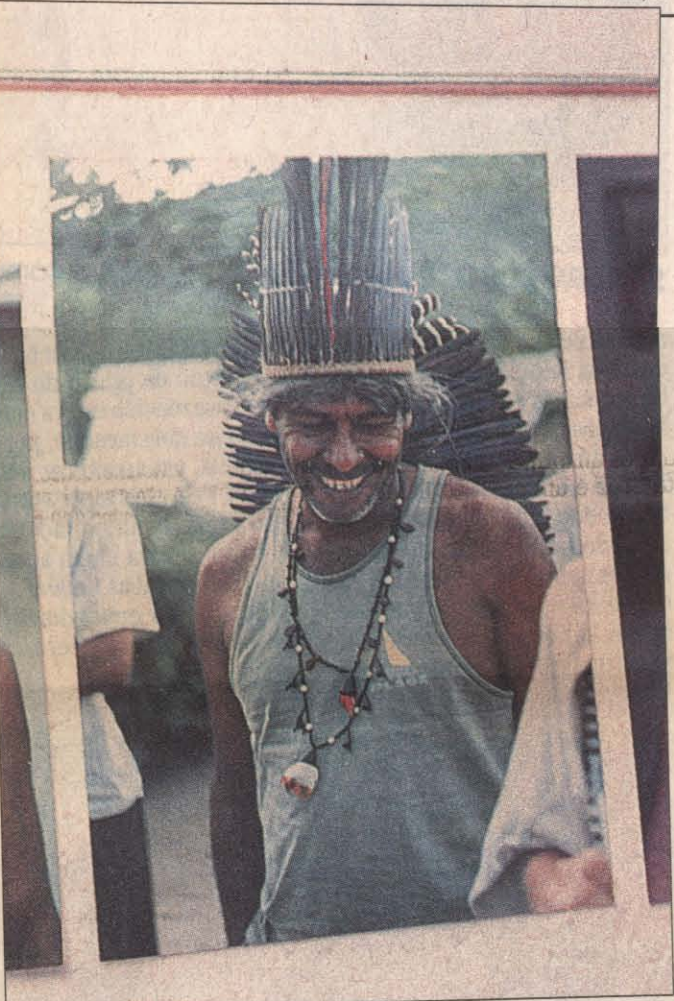
mento com uma testemunha ocular da morte de Chicão. O superintendente-adjunto da PF, delegado Romero Menezes, que está à frente do caso, se comprometeu em apresentá-lo amanhã. "Nos próximos dois dias nós estaremos realizando autos de reconhecimento, principalmente com a testemunha ocular. Precisamos preservá-la de qualquer forma porque já temos informações de que está sendo ameaçada de morte", adiantou o delegado. A Assessoria de Imprensa da PF informou que o pistoleiro tem muita semelhança com o retrato falado do assassino, feito na época do crime.

O assassinato do cacique Chicão foi praticado às 9h30 do dia 20 de maio do ano passado, no momento em que a vítima chegava à residência de sua irmã, Maria das Montanhas Araújo, em Pesqueira. Chicão estacionava o jipe branco da Funai, placa KHM-2269, quando foi surpreendido por um homem magro, que usava boné branco e fingia estar telefonando num orelhão próximo. O assassino disparou tiros que atingiram o líder indígena na cabeça, nuca, costas e barriga.



SEMELHANÇA
Segundo a Polícia Federal, Jurandir, que ainda está sendo reconhecido por testemunhas, parece muito com o retrato falado do suspeito divulgado na época do crime

PEDRO LUIZ/BANCO DE IMAGEM/IC



CACIQUE Chicão foi assassinado em Pesqueira

Chicão comandava luta por terra em 23 aldeias

WANEISSA CAMPOS

DEPARTAMENTO DE PESQUISA

Francisco de Assis Araújo, mais conhecido como Chicão, era cacique das 23 aldeias pertencentes à tribo Xucuru, localizada em Pesqueira, a 214 quilômetros do Recife. De temperamento forte, sem "papas na língua", costumava dizer o que achava e por isso era amado por uns, odiado por outros, mas respeitado por todos.

Chicão ganhou fama não só pela valentia, mas sobretudo por estar constantemente envolvido em questões agrárias. Era ferrenho defensor das terras da tribo, na Serra de Ororubá, chegando a incomodar muitos. Ele representava os ideais de uma força que o seu povo tentava recuperar. A sua última luta por terras, aconteceu em março de 1998, pouco antes de ser morto. Ele reivindicava a posse dos 238 hectares do Sítio Tiemonte, localizado em área indígena e que estava invadido por "brancos".

O cacique dos Xucurus contabilizava uma cifra alta de inimi-

gos em Pesqueira. Para falar com ele, era preciso estratégia e muitos contatos com os índios. Chicão demonstrou ser corajoso quando denunciou o envolvimento de cinco pessoas tidas como importantes na cidade, na morte do procurador da Funai Geraldo Rolim. O cacique apontou perante à Justiça, fazendeiros como autores intelectuais do crime. O procurador foi morto

quando demarcava uma reserva indígena.

O assassinato de Chicão ocorrido no dia 20 de maio do ano passado, repercutiu na região. A perícia criminal

constatou que o crime fora praticado em apenas nove segundos. Ele foi atingido por seis tiros disparados de uma pistola 380 milímetros, na porta da casa de sua irmã, no bairro de Xucuru, em Pesqueira. Poucos dias depois, um retrato-falado foi distribuído pela Polícia Federal com base em depoimentos de testemunhas do crime.

■ Leia mais na página 2

INVESTIGAÇÃO Portões da área, de 26.980 hectares, permanecem fechados a corrente e cadeado

Prisão de suspeito não diminui medo e tensão na aldeia xucuru

RICARDO PERRIER

Especial para o JC

PESQUEIRA — A notícia da prisão de Jurandir Gomes de Araújo, principal suspeito da morte do cacique Chicão, não diminuiu o medo entre os índios da tribo Xucuru, principalmente em relação à segurança dos familiares do líder indígena, que, segundo os moradores da aldeia, continuam sofrendo ameaças. O clima de apreensão ultrapassa os 26.980 hectares de área, onde estão localizadas as 23 aldeias da tribo, chegando até os bairros xucuru, Serinha e Caixa D'água. Em ambos os locais, os índios preferem o silêncio, por medo de sofrer represálias.

A situação faz com que a tribo esconda ao máximo informações sobre os locais onde se encontram os familiares do cacique. Eles lembram que os mandantes do crime permanecem soltos, fazendo constantes ameaças aos moradores. "Toda vez que vejo um carro se aproximando, corro para me esconder", disse um dos filhos do cacique, que pediu para não ser identificado. O próprio acesso à aldeia dá uma idéia do clima de tensão da aldeia: as portais são fechadas a corrente e cadeado.

Para os índios, a prisão de Jurandir não chegou a ser nenhuma surpresa. Segundo moradores da área, o acusado teria matado uma pessoa em um açude de Pesqueira e assassinado duas outras em Umbuzeiro, na Paraíba. A comunidade ficou revoltada com o fato de o acusado ter tomado café com Cícero Pereira, pai de Chicão, meses após a sua morte. Durante o café, ele se mostrou solidário, dizendo que a polícia teria que achar os responsáveis pelo assassinato.

Os xucurus afirmam que Jurandir teria recebido R\$ 50 mil para matar Chicão, dinheiro supostamente distribuído por cinco fazendeiros da região. A tribo prefere não citar os nomes, por acreditar que a PF possa chegar aos autores do crime. "Quero ver onde é que Jurandir, preso,



MEDO Filho de Chicão diz que família ainda sofre ameaças dos mandantes do crime

Encontrar mandantes é mais importante

LEOPOLDO NUNES/JC

Apesar de ter sido recebida com satisfação, a notícia da prisão do provável assassino do cacique Chicão, o agricultor Jurandir Gomes, não empolgou os integrantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). O que interessa ao grupo, na verdade, é a identificação e prisão dos mandantes do crime que, segundo eles foram informados pelos próprios índios xucurus, são fazendeiros da região de Pesqueira.

O assessor jurídico do conselho, Sandro Lobo, explicou que a prisão do autor material da morte de Chicão era esperada como consequência das investigações realizadas pela Polícia Federal. "Agora, chegar às pessoas que o contrataram para matar o cacique é mais difícil e, ao mesmo tempo, o mais importante", afirmou. Hoje, às 9h, integrantes do Cimi, juntamente com familiares de Chicão, vão participar de uma reunião para avaliar o andamento do inquérito policial com a coordenadora da 6ª Câmara do Ministério Público Federal, Maria Eliane. O encontro



SANDRO LOBO "É preciso chegar aos reais autores"

acontecerá na sede da Procuradoria da República em Pernambuco, na Avenida Agamenon Magalhães.

A viúva do líder xucuru, Zenilda Maria de Araújo, a irmã, Maria das Montanhas Araújo, além do pai de Chicão, Cícero Araújo, estarão presentes no encontro junto com outras lideranças indígenas. De acordo com Sandro Lobo, a comunidade

xucuru não pretende vir ao Recife em função da prisão do agricultor. "Essa reunião estava marcada há quase dois meses e, por coincidência, vai acontecer amanhã (hoje). Pelo menos por enquanto, não existe nenhum movimento dos índios para virem aqui. Mas se em alguns dias houver a comprovação do envolvimento do acusado, eles poderão vir a Recife", disse. (R.S.)